

Congresso alemão de economia solidária 24-26/11/06

9 Themenstränge conjuntos temáticos:

1. Práxis e projetos da economia solidária em plano mundial

cooperativas velhas e novas; empreendimentos autogeridos; empreendimentos com objetivos sociais; projetos de economia comunal; projetos habitacionais e comunais [Gemeinschaftsprojekte], clubes de trocas, instituições alternativas de finanças, comércio justo, comercialização direta de produtos agrícolas, projetos de mulheres, economia de graça [Umsonstökonomie], iniciativas de acesso livre ao conhecimento e outras formas de auto-ajuda econômica. 13 modalidades distintas de economia solidária!

2. Economia solidária na cultura e ciência

Como e porque as pessoas buscam e experimentam alternativas sócio-culturais de concepção de vida e de trabalho? Como pode a formação científica nas universidades tomar a solidariedade a sério como alvo de estudo e como fomentar a qualificação de profissionais em áreas orientadas a “Gemeinwesen” [ao bem comum?]

3. Reconversão neo-liberal e a economia solidária

Desconstrução social, privatização e a valorização neo-liberal da tese da auto-ajuda. O capitalismo subordina cada vez mais áreas da vida a sua ditadura. Desregulação, precarização e privatização levam à individualização. A organização coletiva do trabalho, a estruturação auto-organizada da previdência ou outras formas de economia solidária representam alternativas. Como assegurar que a auto-ajuda econômica não abra a porta para estruturas neo-liberais, mas seja organizada permanentemente no interesse dos atingidos [interessados?] e por eles mesmos estruturada?

Esta temática está dividida em 4 sub-temas:

3a. Economia solidária contra a desconstrução social, dessolidarização e precarização

Há discrepância entre teoria e prática da economia solidária e as reais condições de vida da gente atingida pela precarização? A economia solidária preserva as estruturas que causam a precarização, em vez de destruí-las? Como podem os atores da economia e ciência [?] solidária apoiar grupos e instituições sociais de atingidos pela precarização no caminho para criar seus próprios projetos solidários?

3b. Economia solidária como alternativa à privatização e comercialização? Estruturar a previdência de forma permanentemente solidária.

O mito privatizante do neo-liberalismo promete mais eficiência em condições mais favoráveis, mas na realidade traz altas de preços e empobrecimento. Que alternativas

oferece a economia solidária? Como funcionam sistemas de água nas mãos de cidadãos, produção cooperativa de energia, empreendimentos urbanos da previdência sob controle das cidadãs?

3c. A economia solidária como introdutor [facilitador] do neoliberalismo? Ambivalências da idéia de auto-ajuda na economia solidária.

Modelos alternativos de ocupação e formas coletivas de organização do trabalho aparecem à primeira vista freqüentemente como solução para restaurar sentido e apreciação do valor no trabalho. Infelizmente, projetos bem intencionados portam em si momentos de captura pela valorização do capital. Desejamos contrapor auto-responsabilidade, auto-organização e auto-motivação na valorização quase completa da (mercadoria) força de trabalho a objetivos da mesma espécie de conceitos da economia solidária e revelar suas figuras humanas e sociais contraditórias. Num segundo passo, queremos esclarecer numa troca de experiências, sob quais pressupostos torna-se possível um aprendizado social, como reconhecimento, confiança e dignidade humana podem crescer numa práxis de economia solidária.

3d. “Renda de base” – neoliberalismo ou economia solidária

O desmonte neoliberal não é, ao contrário do que se afirma, sem alternativas. Na questão da seguridade social, diversas concepções de renda e segurança básicas estão em debate. No centro das controvérsias está a demanda por uma renda que independa de trabalho e assegure a subsistência. Uma renda assim pode se tornar um componente da economia solidária? Que condições têm de ser preenchidas para que uma renda mínima proteja permanentemente da pobreza e ajude a superar o setor de baixos salários? O financiamento de tal renda se baseia necessariamente nos excedentes da economia dominante não-solidária?

4. Economia solidária: nichos, setor econômico ou perspectiva abrangente?

A economia solidária é um fenômeno de nicho ou um modo econômico que aponta para o futuro? Ela surge transitoriamente em situações de penúria ou ela tem condições de operar permanentemente? Ela funciona apenas em pequenos contextos locais ou oferece respostas a questões econômicas e sociais globais?

5. ...nada por isso – do meu tempo! – economia solidária e estilo de vida da perspectiva individual.

Como se comportar economicamente? Alguns alimentam ideais bem elevados: consumo diário solidário, aplicar as economias eticamente, morar em coletivos etc. – abrangentes e conseqüentes. Mas, onde se encontram os limites pessoais – também face a constrangimentos sociais? Acostumamo-nos o tempo todo a trabalho despido de qualquer sentido. A atividade serve para ganhar dinheiro. A tomada conjunta de decisões em empresas coletivas significa também assumir responsabilidade. Por isso, a comunidade [Gemeinschaft] está em contradição com a individualidade e a auto-realização? A economia solidária é uma questão de estilo de vida? Economia de graça, conhecimento livre podem estar na moda – mas o bazar da Igreja do mundo [comércio justo?] e a cooperativa de

habitação...? Uma vida solidária falsa: atividade sem esperança e sem estímulo ou um outro mundo aqui e agora, locais de realização pessoal e coletiva e fonte de força para a ação política decidida?

6. De quem é o mundo? A questão da propriedade numa economia solidária.

Recentemente, a questão da propriedade voltou com força ao centro das atenções, pela crescente privatização das infraestruturas até então públicas de serviços de utilidade pública [Daseinsvorsorge] e a aprovação de direitos privados de propriedade sobre o saber humano (direito de propriedade intelectual) e de partes da natureza (p.ex. patenteamento de recursos genéticos de plantas). Com vistas a possíveis vias a uma economia solidária coloca-se a questão por formas de uma “reapropriação do mundo” emancipatória. Como se pode formular a resposta à privatização e comercialização pela economia capitalista expropriadora? Na procura por relações solidárias de propriedade, desenvolveram-se as mais diversas formas de concretização da propriedade do solo, casas, meios de produção, idéias etc.. Propriedade social, coletiva ou neutralizada tem diversos efeitos sobre a forma de utilização desta propriedade. Quais são os pressupostos, conseqüências, possibilidades, sucessos, mas também problemas numa formação solidária das relações de propriedade? Serão apresentadas e discutidas, à luz de exemplos, formas antigas e novas de expropriação, apropriação e formação de propriedade etc. na teoria e na prática.

7. Economia solidária – um movimento mundial. Experiências internacionais e colaboração.

Representantes dos diversos continentes (África, Ásia, América Latina e do Norte, Europa Oriental e Ocidental) apresentarão suas experiências e as colocarão em discussão. O que se entende por Economia Social ou Solidária? Quais são as fundamentações teóricas e estratégicas? Há noções e conceitos concorrentes? Os atores entendem suas abordagens como complementos, respostas ou contra-estratégias à globalização neo-liberal? O que significa, neste contexto, cooperação internacional?

8. Empreendimentos solidários operam de outro modo – “Caixa de ferramentas” da economia solidária.

Em que se distinguem empresas coletivas, cooperativas, empreendimentos sociais e outras empresas e projetos da economia solidária de outras formas empresariais? Eles não só perseguem outros objetivos, mas desenvolvem um modo de operar próprio. Sua práxis se caracteriza pelo esforço por formas cooperativas de organização, estruturas democráticas de decisão e a composição de solidariedade e viabilidade econômica.

Como se realizam a democracia interna á empresa e a transparência? Como estão organizados os processos de tomada de decisões, como se lidam com hierarquias e dominações informais, que papel desempenha a questão de gênero? Como se conseguem os meios para investimentos, como se determina a remuneração, como está regulada a entrada e a saída? Por fim: qual o papel da pesquisa e formação?

9. Condições políticas institucionais da economia solidária

Movimentos e empresas que constroem a economia solidária, requerem condições políticas institucionais que a fomentem. Na Alemanha, em comparação com outros países, elas quase não existem. Serão apresentados exemplos positivos: assistência financeira, condições jurídicas, formação, fomento da economia local e cooperação exitosa entre projetos de economia solidária e cidades & comunas. Discutimos com representantes de sindicatos. Que formas novas de solidariedade e envolvimento são concebíveis e organizáveis, como se colocam os sindicatos perante a economia solidária?

Workshop 6 (Temática 3)

Intervenção estratégica da economia solidária no campo do neoliberalismo – da estrutura social concorrente à cooperante

A globalização tornou os estados nacionais impotentes e fê-los se separar dos últimos domínios de sua ação (garantia da subsistência, água, energia, tráfego, educação, administração comunal e regional, execuções penais) em prol dos investidores e prestadores de serviços multinacionais. Com isso, eles deixaram de ser alvos das demandas políticas por redistribuições nacionais. Valem as hierarquias globais dos plutocratas, que estão fora do alcance das demandas sociais e políticas.

Como a base vital da sociedade lhe é retirada passo a passo, na medida em que o capital extrai do produto interno bruto mais do que este pode crescer, os cidadãos, eles mesmos, têm de organizar a sobrevivência com dignidade, solidária e cooperativamente. Recomendações para tanto a serem encontradas, oferecidas e discutidas são o alvo do workshop.

Workshop 11 (Temática 3)

Uma renda de base incondicional derivada de contribuições pela utilização de recursos naturais.

Duas idéias-guias: dum lado, a proteção dos recursos naturais requer algum tipo de encarecimento do seu uso; do outro, o emprego destes recursos deve ser tal que todos possam participar [dos frutos] de sua utilização.

Forum 1 (Temática 4)

Frenesi de trocas?

Chances e limites de moeda regional e clubes de troca.

Clubes de troca, moedas regionais e outros sistemas alternativos de pagamento já há muito são uma parte importante da economia solidária. Pretendem ser uma alternativa para aqueles que caíram fora do sistema monetário dominante. Eles têm por alvo, fortalecer circuitos econômicos regionais. Será que eles o conseguem de fato?

Ainda há alguns anos uma verdadeira mania de clubes de troca varou a República e muitos outros países. Hoje, a maioria dos clubes de troca têm de constatar: muitos contatos sociais de troca surgiram, mas quase todos os clubes permaneceram pequenos.

Hoje uma onda de fundações de moeda regional passa pelo país. Será que as chances da moeda regional de disseminação em massa são melhores do que as dos clubes de troca?

Workshop 12 (Temática 4)

Defender o social

O conceito de defesa social dá o que pensar. Ele descreve uma sociedade que pode renunciar à defesa militar. Esta sociedade adota uma estrutura fortemente descentralizada e

se baseia em pequenas unidades de abastecimento, próximas das moradias e numa tomada de decisões democrática de base.

Há muito, pessoas e grupos tentam encontrar sua sobrevivência à base de produtos e serviços locais e ecológicos. Pessoas que reorganizam sua vida, seu trabalho e seu intercâmbio de mercadorias em grupos auto-determinados. Podem eles servir de protótipos para economias nacionais inteiras ou até para uma economia mundial descentralizada? Será possível que, nos limites da ordem econômica dominante, possa também haver projetos sensatos, que conferem às idéias da regionalização e da responsabilidade social um novo impulso?

O que nos proporcionam iniciativas como moedas regionais ou clubes de troca? Como podemos, dentro de nossa própria sociedade, formular e realizar alternativas à concorrência que domina por todo lado e ao acotovelamento geral?

É concebível uma repartição mais justa de trabalho, renda e propriedade?

Workshop 14 (Temática 4)

É possível solidariedade no capitalismo?

Nós tomamos como ponto de partida que o sistema econômico moderno produz, conforme sua legalidade, determinados constrangimentos, que condenam tentativas pontuais de reforma quase obrigatoriamente ao fracasso. Por isso, devem-se discutir vias de transformação abrangente: a auto-organização solidária, dentro do sistema integrativo que ela tenta superar, pode surgir e se desenvolver? Se sim, em que forma? Tais projetos mudam as relações ou é o contrário? Como se apresenta a relação entre a luta contra o que existe e a criação do novo?

Expositores: Steffi Grohman e Arno Uhl (realizam ativamente há 2 anos projetos de economia solidária, como a Loja de Custo Zero [Kost-Nix-Laden] em Viena).

Workshop 15 (Temática 5)

Solidariedade torna feliz! Psicologia e economia solidária.

O conhecimento da psicologia pode dar uma importante contribuição para que formas econômicas sustentáveis sejam organizadas de tal modo que fomentem o sentimento de bem-estar e a auto-realização das pessoas. A pesquisa da felicidade e a psicologia positiva podem fornecer para tanto abordagens úteis:

O que torna as pessoas felizes? Que valores devem ser fomentados e quais não? Quais são as necessidades básicas das pessoas e como podem ser satisfeitas através da organização dos fundamentos sociais? O que motiva as pessoas a trabalhar? O dinheiro é um bom incentivo? Como se fomenta “motivação intrínseca”?

Workshop 18 (Temática 70)

ALBA: acordo solidário entre Cuba, Venezuela e Bolívia

Cuba e Venezuela começaram, depois da eleição de Evo Morales na Bolívia, juntou-se a Bolívia e em abril de 2006 foi assinado o ‘Entendimento para o emprego da alternativa bolivariana para os povos de nossa América e o acordo comercial dos povos.’ Este acordo pretende ser um modelo para uma nova ordem econômica mundial, com base na solidariedade e nos interesses recíprocos. Assim, p.ex., a Venezuela fornece a Cuba petróleo a preços abaixo dos preços no mercado mundial, Cuba em troca leva educação e sua experiência na assistência à saúde à Venezuela, ao mandar médicos e professores cubanos para a Venezuela, aos lugares em que vive a população pobre. Até o momento, o Acordo, que contém numerosos entendimentos, se limita aos países acima referidos, mas já agora há

elementos na América Latina, que criam novas relações no continente inteiro mediante projetos comuns, como a emissora de televisão ‘Telesur’ ou o Banco do Sul.

Ao lado de abordagens locais para uma economia solidária, surgem os primeiros passos para uma economia solidária entre Estados, que tem outra qualidade, do que os projetos de comércio justo, que organizam o comércio no plano privado.

Workshop 21 (Temática 8)

Fundar uma empresa coletivamente, como se faz isso?

As exigências dos participantes, em fundações coletivas, são em geral altas em relação à autogestão democrática, critérios sociais e ecológicos. Mas como estas exigências pouco contribuem para o sucesso duma empresa, torna-se necessária uma boa base econômica empresarial, que permita o êxito duma empresa, inclusive com relação às exigências. Exigências elevadas, que obrigam as pessoas a se extenuarem, não dão sustentabilidade e tão pouco o grande sucesso com renúncia das exigências. Como combinar ambos sensatamente?

Workshop 23 (Temática 8)

Aproveitar em comum em vez de possuir sozinho.

Membros da “Rede Kommunja de comunas políticas” apresentam a idéia de comuna política e contam sobre o seu cotidiano. Pontos temáticos são: trabalho interno/externo, economia comum, estruturas de comunicação e a constituição de redes entre comunas e destas com outras entidades.

Workshop 25a (Temática 8)

Êxito econômico, solidariedade e democracia – como isso se combina na própria empresa? Em luta teimosa, nos últimos 150 anos, cooperativas desenvolveram ferramentas para a economia solidária. Sob o lema “Com o próprio dinheiro – fábrica própria” a história seria reescrita. A opressão dos sem posses pelos possuidores foi declarada finda. No entanto, estas ilhas se vêm ainda hoje confrontados com um mundo externo capitalista. Para sobreviver, elas precisam lançar mão, por longos trajetos, dos métodos das empresas “normais”. É preciso levantar capital inicial. É preciso, em competição com outros, cultivar um mercado. Decisões precisam ser tomadas, com o custo adequado. Se as empresas são bem sucedidas nisso, continua o perigo de que os veteranos, havendo mais crescimento, bloqueiem a entrada de novos aspirantes a membros na cooperativa. No final de contas, tais empresas não se distinguem mais do mundo econômico restante.

Workshop 27 (Temática 1)

Compulsão privatizante como chance para um novo movimento [de ocupação] de casas no caso exemplar de Bethanien.

As casas servem aos que nelas moram e trabalham?

O antigo hospital Bethanien em Kreuzberg foi recentemente salvo, por meio de ocupação e uma iniciativa dos moradores, da lógica privatizante do governo de Berlin. Agora, oferece-se a chance para um Centro a partir de baixo com outros trabalhos e auto-organização no sentido duma economia solidária. Queremos discutir que chances e risco a ‘boa privatização’ implica: livramos o Estado desta maneira de sua responsabilidade e fomentamos desenvolvimentos atuais? Ou criamos espaços importantes, organizáveis a partir de baixo? Além disso, queremos esclarecer em que medida hoje um Centro a partir de baixo pode ser realizado na prática e se a conquista de Bethanie pode se tornar um modelo.

Workshop 35 (Temática 1)

Quando cooperativas são exitosas demais (economicamente) –
As cooperativas de Arrasate/Mondragon

Como centro do movimento cooperativo europeu se acha Arrasate/Mondragon no país basco. A pequena cidade se tornou um centro da resistência política contra a ditadura e contra os déficits de democratização após a morte de Franco. Mais importante ainda do que para a vida política foram as cooperativas para a economia da cidade. Na região ao redor de Arrasate, que é uma das mais estáveis da península espanhola, nada ocorre sem as cooperativas. O desemprego é extremamente baixo, os ganhos são elevados.

Porém, as experiências de Arrasate mostram também como o sucesso econômico das cooperativas acabou por bloquear o seu projeto social. As cooperativas de Arrasate são hoje empreendimentos econômicos capitalistas super-exitosos. O trust cooperativo de Arrasate transfere contratos lucrativos a sub-empresamentos não-cooperativos, emprega assalariados e dispõe com a varejista Eroski de uma rede de supermercados que cobre toda a península. Ao mesmo o bem-estar na região produziu o desinteresse por projetos políticos e sociais. Uma mudança de rumo por parte das cooperativas parece dificilmente possível.

O que significa isso? O movimento cooperativo basco, como supõem alguns críticos, desde sempre esteve condenado a fracassar? O que se pode fazer para que as cooperativas não passem de uma outra forma de propriedade? Como se pode salvar a subversão nas cooperativas?

Workshop 43 (Temática 5)

Viver solidariamente no falso – um foro de discussão sobre a relevância política das comunas.

Membros de comunas da “Rede Kommuja das comunas políticas” desejariam trocar com interessados suas idéias, utopias, seu cotidiano, os iluminando criticamente : que alternativas aos problemas sociais oferecem as comunas? As comunas são lugares para o desenvolvimento pessoas e fontes de força para a ação política? O cotidiano solidário, a economia solidária são necessários para obter mudanças políticas? A decisão pela vida em comuna é uma questão de estilo de vida?

Workshop 51 (Temática 1)

CONTRASTE – fazer um jornal em conjunto e auto-determinado

Desde 1984 existe “CONTRASTE – jornal para a auto-organização” um mensário nacional. Ele relata sobretudo sobre projetos alternativos, como p.ex. lojas gratis, cooperativas, espaços abertos ou comunas políticas. Sabendo que sem mudanças experimentais não haverá uma outra sociedade. Ele é feito por 40 redatores, que colaboram por convicção e sem remuneração.

Participar autonomamente, em condições iguais, libera muita energia, mas significa também superar conflitos entre as pessoas.

Workshop 52 (Temática 1)

Kerala Dinesh Beedi – um modelo de uma grande empresa autogerida na Índia

Dinesh Beedi no norte de Kerala pode ser um modelo de muitos pontos de vista. Depois que, nos 1960 do último século, os proprietários fecharam as empresas, para migrar ao estado vizinho, decidiram as trabalhadoras e trabalhadores, eles próprios tomarem as empresas. O governo de esquerda de Kerala apoiou o projeto com crédito favorecido e

assim começou a história de um dos maiores e mais interessantes empreendimentos autogestionários, em que todos ganham por igual, todos os processos são transparentes, onde os dirigentes da empresa são eleitos entre o pessoal. A empresa ainda hoje tem mais de 20.000 trabalhadores.

Forum 9 (temática 3b)

Alternativas à privatização da seguridade social [Daseinsvorsorge] 2: Saúde

Que experiências há com a auto-organização para a produção de bens e serviços essenciais à vida – aqui e alhures? As estruturas cooperativas asseguram soluções apenas para os participantes ativos ou podem assegurar assistência a populações inteiras? Onde o Estado continua sendo necessário? Empreendimentos estatais apresentam o risco da falta de transparência e corrupção – como se pode lutar contra isso? Que potencial têm a seguridade social auto-organizada, onde estão seus limites?

2. Saúde

Atualmente surge uma medicina de duas classes: aqui serviços de ponta da técnica médica e da farmacologia, lá variantes mais baratas para os pobres. Alternativas auto-organizadas são freqüentemente confrontadas criticamente com uma orientação médica escolar. O que elas oferecem? Como são organizadas? Elas se percebem como complemento do sistema sanitário dominante ou como alternativa? Como lidam com questionamentos sociais?